

# A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Barcellos, 25 de dezembro de 1902

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600



## O Natal

Quantos annos são já volvidos que o meigo Jesus, o doce philosopho incomparavel, desceu á lama d'este mundo, trazendo no coração a sua immensa bondade e nos labios o seu eterno e suavissimo sorriso de creança.

O Natal! Qual d'entre vós, não sente essa emoção vaga,—triste-alegre—que assoberba o espirito nas evocações saudosas dos tempos da infancia?

O dia de Natal! Como as creanças o adoram e o desejam, como o coração lhes bate mais apressado, os olhos se lhes tornam mais brilhantes e as lindas faces mais coradas.

Creanças!—seixes de luz,  
Poema de graça e amor  
Que a alma encanta e seduz!

Nós vos beijamos os olhitos travessos e gulosos, a pousarem-se irrequijetos na alva toalha, salpicada de doces, queijos e fructas.

«Deixae que venham a mim as creancitas», dizia o louro Rabbí, n'aquella eloquente ternura que attrahia e conquistava.

E hoje, o dia grande e festivo para esses entes pequenitos, é que a «Lagrima», tambem feliz pelo dia de entrada no seu 11.º anno de publicação, vos dedica esta pagina inteiramente santa, porque a santifica a vossa innocencia.

A todas as creanças sim.

Aquellas a quem rodeiam os confortos do lar cheio de brinquedos, rosa las, gordas, atufadas em pelles e vestimentas, caras.

Aquellas, a quem a miseria espreita, sem pão, sem roupa, tristes e macilentas, o olhar perdido, como que vagamente consciences da sua enorme desgraça.

Aquellas que não têm a suprema alegria de ter mãe, de ter familia; aos orphãsinhos, sublimemente pacientes e resignados, a quem o destino ou o desamor lhes fez desconhecer a mais terna de todas as venturas,—um beijo de mãe!

A todas, sim, a todas, a «Lagrima» vos deseja boas-festas, e requer, em nome do suave Redemptor, que o infortunio vos esqueça e que a felicidade vos sorria.

O Natal! Longe, muito longe dos seus, a quantos esta palavra fará assomar uma lagrima de saudade; e, na pobre alma do exilado, um crepe de tristeza lhe cercará o retrato da mae estremeçada.

E vós, oh! felizes, a quem a fortuna protege, a quem a sorte acaricia nos seus desmandos de prodiga, não esquecaes n'este dia os auzentes e os que soffrem, e levantai a taça, a crepitar vinhos espumosos, em lembrança aos desditosos.

E' facil ser generoso quando as graças da terra, nos beijam; e, acreditae, que n'esta homenagem aos que o destino aflasta dos seus, encontrareis a suprema consolação que floresce no peito

## A LAGRIMA

do que pratica um acto de caridade. «Fazer bem por bem haver.»

A todos os nossos leitores, amigos, collaboradores e redactores, a «Lagrima» os saúda e lhes deseja boas-festas.

A. B.

Estamos no tempo ou das coisas ruins que estarrecem os pasmões, ou no dos sustos que abalam os mais arrojados.

No ultimo numero escrevemos aqui, com muitissima graça, que no Campo D. Carlos andava um lobis-homem disfarçado em Boér e já temos que relatar um caso de verdadeiro medo.

Eil-o:

Na venda da Maria dos Anjos, em Barcelinhos, o Campello velho, sentiu um ruido que semelhava ladrões a forcarem a porta das trazeiras do predio.

Era meia noite. Levantou-se o velho em trajes menores, isto é, em fralda de camisa, e depois de pôr o ouvido á escuta, certificou-se que realmente estava a contas com os amigos do alheio.

Como não é timorato, chamou pelo filho e avisou-o d'isto.

O filho—que é o sr. José (com pello novo)—rapou a fugir para a rua, em ceroulas, pasmado da sua vida, a gritar aquí d'el-rei.

Appareceu logo o Mecias que foi immediatamente convidado a ir ás trazeiras com um pau, ficando o José e o pae que o acompanhava, cá fóra, não por medo, mas com receio de que, ás vezes, os ladrões não se escapulissessem...

O Mecias, em camisola e descalço, dirigiu-se ao quintal, espreita e não vê ninguém. «Alto, disse elle, o ladrão está ali entre aquelles loureiros».

Dirigiu-se áquellas arvores e desatou á pancada, como quem quer botar um coelho para fóra d'uma moita.

Qual é, porém, o seu espanto, ao descobrir do lado opposto um vulto que tambem zupava nos loureiros. «La está o ladrão,» exclama o Mecias. «Não sou», diz uma voz conhecida. Era o fiscal do sello, João Fernandes, que mesmo em leitão, tinha vindo a soccorrer os sobresaltados, de revolver em punho.

Nesta altura já as visinhas Mecias, Maria e Conceição, tinham, tambem, apparecido em trajes menóres, mais a mãe d'estas sympathicas raparigas, todas armadas de tranças.

A familia Campello, tambem com roupas de dormir, já n'esta altura, espreitava aos postigos e á porta...

Desenlace: era um porco que tinha saído da córte e viera fossar para a porta das trazeiras, e depois, acossado por tal burulho, se tinha introduzido entre os loureiros...

### Em Barcelinhos

N'uma das ultimas cheias, abordou junto da Fabrica. Lapuz (margem esquerda do rio Cavado) um grande cevado, apresentando signaes de vida.

Tirado para fóra d'agua foi logo examinado pelo entendido Paes de Faria (neto) que, observando-lhe a pulsação junto dos *chispes*, disse:—que por sua parte estava verificado o obito, sendo de opinião que era uma suina e não um cevado, e que pelos symptomas que apresentava havia succumbido por effeito da diabetis, complicada com o sonambulismo, porém que d'entro da barriga havia folego vivo, que era urgente salvar.

Sendo immediatamente aberta com todo o cuidado pelo sr. Miguel da Maxima, que para isso dispõe de instrumentos proprios, qual não foi o espanto ao deparar-se-lhe no buxo um relógio de sala com caixa de castanho, a trabalhar, duas cedulas da caixa penhorista e o clarinete que em tempo roubaram ao Franciseo Coreixas, tudo bem conservado, objectos estes que ficaram depositados em poder do zelador Dias, para serem entregues a quem pertencerem.

Em seguida foi pelo regedor dos Penedos ordenado que o suino fosse enterrado junto do Tanque de Barcelinhos e no sitio onde se acha sêc a uma arvore da Camara, para logo que ali seja plantada outra, possa ella resistir aos microbios que por ali vagueiam, pois não ha santos que tenham feito o milagre de fazer medrar as arvores ali plantadas e, até, ha annos foi cortada uma rente pelo pé.

### Santa Luzia

Só os inimigos do sr. Joaquim Martins podem levantar a sua «debil e desanuetorisada voz» no sentido de depreciar a intitulada festa a Santa Luzia, que, como nós escrevemos no ultimo anno, é a unica, que nos conste, da córte celestial, que tem tres olhos, por causa do da Providencial!

Nós pela parte que nos toca, sômos unicamente a dizer, sem motivo para mais, que a festividade nos encheu as medidas e unicamente estamos n'uma duvida, se a festa foi a Santa Luzia ou foi festa do Joaquim Martins!

As bentinhas são da primeira corrente estabelecida ali, e nós somos da segunda.

Festa do Joaquim, foi o que olla foi, retumbante, estrepitosa, na egreja e na rual

## A LAGRIMA

Nós somos fatalista e acreditamos, pois, que já o destino tinha designado n'este anno da Graça de 1902 que o nosso inelito barcelense havia de estrondear uma festa; a sua festa!

\*

No que diz respeito ao exterior, com musica do Patricio (porque o nosso homem foi sempre muito patricio) musica em que os clarinetes guinchavam como fôras e o homem do 1.º cornetim até parece que se virava de dentro para fóra, a puehar, esteve á altura do promotor.

Temos a notar que a iluminação era de muito bom gosto, principalmente a do acetylene, de que foi gazometro o servo, carregado com cinco kilos de carboreto.

Os Zês Pereira, zabumbas de muito boa embocadura (de que nos deu attestado o tasqueiro mais feliz da terra, o Feliciano) foi um dos numerozinhos do programma que melhor effeito deu.

O Joaquim annunciando a festa, deu uma salva de 21 tiros no bombo maior, com a cabeça, o que dispensou perfeitamente os morteiros.

Parabens, pois, ao Joaquim, dos mais sinceros, dos mais leaes.

E, para a outra vez, escusa de annuncios,— porque a gente de Barcellos «pelo dedo conhece o gigante.» Adivinha logo de quem é a festa...

Ha aqui um infeliz desequilibrado que tem por habito repetir as phrases que se lhe dirigem.

Por exemplo: uma pessoa pergunta-lhe se «o Borda ribola a bola?» e ouve logo como resposta a mesmissima cousa — «o Borda ribola a bola?»

Além d'esta sua feição pittoresca, o malukoide tem a mania de anlar pelas ruas d'esta freguezia a berrar: «A's armas!»

N'uma d'estas semanas appareceu por Fão um individuo a vender phosphoros de pau, de fabrico clandestino; ia entrando nas casas e perguntando, a meia voz: «o snr. quer comprar lumes?» e succedeu fazer essa interrogação na casa do pobre *zurato*. Ora... é sabido, ouviu logo, distinctamente, uma especie de eco: «o snr. quer comprar lumes?»

Tudo «correria pelo melhor dos mundos possiveis» se acaso o vendedor retrocedesse caminho. Mas não. Tornou a fazer a offerta para conseguir o mesmo resultado e alguma cousa mais: — o tal braço, alto, soante, guerreiro: «A's armas!»

E sabe o que deu em resultado? O pobre contrabandista fugir, julgando-se a contaa com um dos guardas dos tabacos e deixar uma trôxa monumental dos taes lumes de espera gallego!

Barcellos estremeceu na ultima quinzena ao circular a noticia de que 10 executantes da banda dos Bombeiros tinham feito greve e que resultaria o acabamento d'aquella corporação musical e a «Lagrima», a quem a maldita fusão das duas philarmonicas tinha tirado um dos melhores pratos, rejubilou, transportando-se a esses felizes tempos em que os clarinetos davam chistoso rumor de si.

O motivo da insubordinação foi a pratica d'un novo regulamento que sujeitava os musicos a certa lei.

Eis o nome de todos os indisciplinados:  
Caras Altas (ou caras de palmo e meio);  
Jejum (natural);  
Cecilia (macho);  
Cabo Pereira (que não o é);  
Panella (de carne);  
Plaina (que cose);  
Rente (e rente dos pés... á cabeça);  
Canelas (como pimenta);  
Pegas (melro de bico amarello); e  
Pedras (como um pedado).

\*

O fim da saida era— como dissemos— de acabar com a banda e andavam por traz dos musicos, uns esbofetos espiçadores que, qual D. Sebastião, bão de vir um dia, diz-se, a levantar a banda Barcelense.

Nós somos pelos apaixonados, sejam elles quem for, como uns dos alimentadores da vida das tabernas e correlativamente dos vinhateiros, dos commerciantes, etc.

Alguns musicos, ficam mais caros que as mais bem vestidas amasias de qualquer dandy abi da terra; e não se contentam com pouco...

Sabem cortar por largo...

E, quando ha d'estas efferverescencias, pesam bem nas aguas turvas: elle é a arrosada de frango; elle é a taxada de rojões e... de vinho; elle é chabeiro de emprestimo...

Como só são musicos no sentido ironico de comer e beber á farta, estão no seu elemento quando tocam os garfos nos dentes ou as bordas das canecas nos beiços.

\*

Tem havido pr'a'hi um reboliço de todos os diabos, com os musicos grevistas, que não são acceitos. No seu coração vai um pesar profundo e tem-se despedido com grande choro dos seus instrumentos, da sua farda, pelos preços mais commodidos de que ha memoria. E dizem elles muito chorosos, já que não nos podemos vender, venlamos os tarecos musicaes.

Todos os dias, aquelles que gostam de acompanhar os avanços da civilização, tem de anotar progresso, desde o telegrapho sem fios, até o mais engenhoso aparelho de voar pelo espaço, qual minhoto.

Barcellos que, ás vezes, se mostra tão refractario, tambem prima em seguir a civilisação, com inventos que lhe dão direito a ser registados nas columnas d'este quizenario.

Vem isto a pêllo das ratoeiras em que certos ratos capricham, por instincto de conservação, em não cair.

Os nossos avós serviam-se muito d'uma tijella com um bogallo, tendo este espetado d'um lado um pau e introduzindo-se o pau na isca e desde que os roedores a comessem, agarrados estavam elles; a borda da malga rolava pelo bogallo,

Depois vieram outras ratoeiras que offereciam aos ratos uma bocca dentada em cuja havia o engodo.

Mais tarde foram lançadas ao mercado umas outras semelhantes a uma gaiola; os ratos entravam por ella dentro á vontade e, uma vez que tocassem no *presigo*, caia rapidamente uma porta, e... adeus liberdade.

Como isto ia caminhando, os allemães inventaram umas muito interessantes. Feitas de arame, tinham uma lóca, por onde os bicharocos se escoavam; porém, para sair, tó rôla; tinham de ir ao arrepele d'uns arames que aliás lhe tornavam escorregadia, macia, a entrada.

Por ultimo (ahi pelo seculo passado) o Antunes, copiou o *chic* em ratoeiras, allemãs. Uma certa móla potente, segura n'uma taboa quadrilonga, que quando armada, tem uma espera em que se prende uma pouca de carne. Ratão que lhe toque fica preso por uma perna, pelo rebo, pelo focinho!

\*

Em Barcelinhos acaba, porém, de ser feito um invento, que passa alem da Traprobana...

As filhas da Anna da Povoá, servem-se d'um meio, que não ha similar.

Basta prender um anzol a um cordel e n'elle segurarem um pouco de toucinho.

Depois ata-se—como ellas fazem—o cordel a um dos pés da cama e de noite os ratos ficam presas do anzol.

\*

Uma d'estas noites a victima era um rato pella-lo. Tal restolho fez que a Anna do Povoá acordou, muito assustada, gritou, vieram as filhas, com achas e uma com o escarrador.

Viraram-se á pancada ao rato, partiram o cordel e deixaram-n'o fugir.

Experimentem, senhores.

O nosso amigo Gaspar da Silva Fortuna, deu uma occasião ingresso no seu armazem de farinhas.

Deparou-se-lhe um sacco, e n'este um buraco. Acompanhava-o o Grande da Quinta. «Vês, diz o Fortuna para o companheiro, aqui por este buraco tem saído muito rato farto de farinha».

E, ao dizer isto, toca no tal buraco d'onde se escapa primeiro um rato e depois outro.

Um d'elles introduziu-se por traz da caixa d'um relógio de sala, que tinha em vez do remate em que se costuma vêr o mostrador, um oratorio.

Fortuna preparou-se para caçar o rato, com sacco na mão e na outra um pau para o matar.

«Preparar para a carga», disse elle para o Grande. Desvia a caixa e... em vez de caçar o rato é elle caçado,—porque o oratorio, qual raio caia-lhe em cima de tal forma que elle ficou com a cabeça mettida dentro do oratorio, tendo primeiro quebrado a respectiva vidraça ao primeiro embate.

Ficou como um Santo Christo!

Pois em Barcelinhos facaba á ultima hora de se dar uma partida muito parecida.

Um tal Manoel Gandarinha, tem, como muita gente, um namoro. A mãe da rapariga não o pôde tragar, e jurou vingar-se do adonis de sua filha.

.....  
Certa noite, estava o Gandarinha em colloquio amoroso com a sua amante e n'isto começa a berrar como um tolo. «Ai que me deram um tiro; estou morto. Estou morto,—acudam-me!»

E realmente se não estava morto, desfallecido encontrava-se, porque a mãe da cachopa atirou-lhe de cima d'uma janella um cantaro que, por desgraça, caiu de fórma a ficarem pousadas as bordas nos hombros do Gandarinha e este por consequente com a cabeça dentro do cantaro.

Realmente parecia um tiro!

*O caridoso carcereiro Antonio Gonçalves pede-nos que lembremos —entre as alegrias d'estas festas do Natal— aos nossos estimados leitores, os pobres encarcerados na Cadeia.*

## Assignantes

Alguns dos nossos exm.<sup>os</sup> srs. assignantes a quem temos remetido o recibo d'anno, da «Lagrima»,—600 réis—, como residem n'aldeia, não têm pago os recibos que lhes temos remettido por intermédio do correio, visto em nenhuma das freguezias onde os contamos, não haver estação postal, e sêr esta distante e curto o prazo destinado ao pagamento.

Pedimos porisso que satisfaçam a importancia da assignatura em vales, diminuindo á despeza a fazer 600 réis.